

O capital externo voltará aos países saudáveis

Em entrevista exclusiva, o presidente mundial do Union Bank of Switzerland, Mathis Cabiallavetta, afirma confiar na economia brasileira

Getúlio Bittencourt
de Nova York

A crise do Sudeste asiático, que contaminou a economia global, está sendo dolorosa para muitos países, mas a longo prazo não será tão negativa. E os países da América Latina e outros mercados emergentes, que tiverem políticas econômicas saudáveis, vão atrair os capitais internacionais de volta, afirma o presidente do comitê executivo do Union Bank of Switzerland (UBS), Mathis Cabiallavetta.

Numa rara entrevista exclusiva, ele antevê grandes oportunidades de negócios para o UBS no Brasil, e afirma que está feliz com a política econômica do governo Fernando Henrique Cardoso, e com o aumento da transparência política e econômica. Também tem esperanças de que a situação fiscal do país possa "melhorar ainda mais".

O fechamento dos mercados internacionais de capitais para emissores latinos será de curta duração, a seu ver. O presidente do UBS discute ainda a estratégia local, pan-europeia e global do banco, o mercado de varejo suíço, o impacto dos grandes movimentos internacionais do capital, e os depósitos do povo judeu nos bancos de seu país, entre outros temas.

Cabiallavetta pertence a uma nova geração de banqueiros suíços, e comanda uma instituição orgulhosa de ser conservadora. O UBS foi criado em 1912 com a fusão do Bank of Winterthur, fundado em 1862, com o Toggenburger Bank, fundado em 1863; e cresceu para tornar-se o maior banco da Suíça, administrando a maior carteira individual de banco privado do mundo, com ativos totais de 437 bilhões de francos suíços em dezembro de 1996.

Gazeta Mercantil – Vamos começar pelo ambiente bancário na Suíça: o senhor vê sinais de uma consolidação, como a que ocorre atualmente nos EUA?

Mathis Cabiallavetta – A consolidação do sistema bancário suíço está progredindo bem, rapidamente, e ainda não foi concluída. Continuamos a ter excesso de capacidade bancária na Suíça, e estou certo de que nos próximos anos haverá mais racionalização aqui.

GZM – Nesse contexto, o UBS pode se tornar ainda maior, comprando outros bancos suíços?

Cabiallavetta – Não posso lhe dizer se vamos nos tornar ainda maiores. Mas não estamos a ponto de comprar bancos regionais na Suíça, se é isso que a pergunta indaga. Não estamos pensando em comprar nenhum banco regional.

GZM – E em relação ao contexto europeu?

Cabiallavetta – É possível que desejemos ampliar as economias de escala das nossas operações bancárias no contexto europeu. Se o ambiente europeu mudar agora com a introdução do euro, deverá haver consolidação também na Europa. E, dadas as tecnologias de hoje, é possível que os bancos suíços participem do mercado trans-europeu, por exemplo, no segmento de banco de varejo.

GZM – Alguns de seus colegas na França e na Alemanha esperam que, num primeiro momento, os grandes bancos europeus vão procurar consolidar suas posições nos mercados nacionais.

Cabiallavetta – Sim, é o que se espera. Normalmente, as mudanças estruturais seguem essa direção: primeiro, você tem a consolidação nacional; depois vem a consolidação internacional. No nosso caso, racionalizamos nossa estrutura reduzindo nossa folha de pagamentos em quase 3.000 pessoas desde 1991. Viemos nos reestruturando, embebedando tecnologia e mudando os serviços bancários, para ficar à frente na onda de reestruturação do setor bancário em nosso país. Mas isso não significa que estamos excluindo a abordagem da expansão multinacional.

GZM – O senhor pode dar detalhes de sua estratégia pan-europeia? O NBP francês e o Dresdner Bank, por exemplo, escolheram um modelo de associação, de cooperação; o UBS vai continuar seguindo seu próprio caminho?

Cabiallavetta – Prefiro não comentar sobre a competição. Mas não estou certo de que cooperação seja o melhor veículo para os ban-

cos. Se eu estiver interessado em explorar as possibilidades de distribuição de títulos num contexto pan-europeu, então provavelmente seria mais inteligente uma associação com alguma outra instituição internacional. Mas isso não quer dizer que temos planos de fazer associações neste momento.

GZM – O UBS foi um pioneiro na compra de um banco de investimentos no exterior, com a aquisição da Phillips & Drew da Inglaterra na década de 1980, quando isso ainda não estava na moda. Mas na década de 1990, quando os outros bancos começaram a fazer o mesmo, o UBS mudou seu estilo: em vez de comprar bancos, passou a contratar gente de primeira linha em outras instituições, sobretudo nos EUA. Há algum motivo para a mudança tática?

Cabiallavetta – Em primeiro lugar, você tem razão, nós adquirimos a corretora inglesa Phillips & Drew, e a transformamos num banco de investimentos e administrador de ativos muito proficiente e líder no mercado londrino. Mas nós não temos uma filosofia fixa de apenas comprar ou apenas crescer internamente. Nos EUA, particularmente, devido à existência do Ato Glass-Steagall, nós não tínhamos permissão legal para comprar um banco de investimento. Portanto, nossa resposta foi: tudo bem, vamos construir internamente a operação de banco de investimento americano, de que precisamos para o esforço global do nosso negócio. Estabelecemos sete grupos de atividades pertinentes para a nossa atividade global, e até agora não tivemos necessidade de adquirir um banco de investimento nos EUA.

GZM – Qual é a estratégia global do UBS?

Cabiallavetta – Nossa prioridade é de nos estabelecermos com sucesso no negócio de administração global de ativos, que consiste de "private banking" (investidor rico) e da participação no mercado de investidores institucionais. Já temos a maior fatia desse mercado mundial, mas queremos ampliá-la numa escala global.

GZM – Quando o senhor se refere à liderança do UBS, o contexto é global, porque não há bancos no mundo que estejam na frente

dos suíços nesse segmento de "private banking", não é?

Cabiallavetta – Certamente, a Suíça é de longe o maior centro de "private banking" do mundo. Os três maiores bancos suíços têm a maior fatia do setor, comparada à de qualquer outro grupo de bancos no mundo.

GZM – O senhor pode falar um pouco sobre o que é o mercado de varejo (pessoa física) na Suíça? Quando se cobre o mercado financeiro internacional, o varejo suíço é invariavelmente um dos principais compradores de títulos de renda fixa dos mercados emergentes. São esses compradores suíços, ou internacionais?

Cabiallavetta – Você precisa compreender que a maior fatia dos ativos que administramos para clientes vêm do exterior. Se você lê que houve forte demanda para títulos de mercados emergentes na imprensa financeira, venham os papéis da América Latina, da Europa do Leste ou da Ásia, então é evidente que a maioria dos nossos clientes compradores são internacionais. Nem é preciso dizer que os suíços também têm interesse e mostram um crescente apetite por títulos dos mercados emergentes.

GZM – Por que o UBS entrou nos mercados emergentes – particularmente na América Latina – depois de seus principais competidores suíços, Crédit Suisse e Swiss Bank Corporation?

Cabiallavetta – Você deve saber melhor do que eu quando eles entraram. Nós estamos na América Latina, e se estamos falando a respeito do Brasil em particular, desde 1967. Temos um escritório representativo no Brasil desde essa época. Nós costumamos ser um banco muito conservador, mas sempre tivemos relacionamento comercial com empresas da América Latina. Estivemos sempre no negócio, mas você talvez tenha razão, entramos um pouco depois que nossos competidores. Dado o potencial que existe à nossa frente, não me parece que esse ponto seja tão crucial.

GZM – Quando decidiu entrar, de qualquer modo, o UBS o fez

em grande estilo, liderando transações de monta para empresas de grande porte na região.

Cabiallavetta – Exatamente. Através dos anos, estabelecemos relações excelentes com os bancos centrais e grandes empresas da América Latina. Embora não tenhamos na região nenhuma subsidiária operacional, mantemos por décadas relações profundas com várias companhias importantes.

GZM – Por falar nisso, o senhor tem planos de estabelecer uma subsidiária operacional do UBS na América Latina?

Cabiallavetta – Não posso falar sobre isso no momento.

GZM – Os mercados financeiros internacionais estão muito voláteis devido à crise do Sudeste asiático, que já contagiou os EUA e a Europa, sem falar da América Latina. O senhor vê riscos adicionais a caminho, e no caso latino, considera que podem haver especulações contra as

moedas da Argentina e do Brasil?

Cabiallavetta – Pelo que temos visto, a crise do Sudeste asiático afeta, em graus diferentes, a economia mundial como um todo. Houve contágio não apenas nos mercados emergentes, mas também nos mercados industrializados. Você tem visto os mercados europeus sendo afetados, assim como os EUA. Quando você tem um efeito dessa magnitude, e dado que o capital é tão sensível, que os investidores dispõem de escolhas, e são na maioria investidores institucionais, então é possível que esse capital mude – mesmo que seja de uma empresa que tenha a melhor política econômica, mas fica num mercado emergente, em direção às letras do Tesouro dos EUA. Você tem a fuga para a qualidade, que por sua vez deprime os preços de títulos dos mercados emergentes, e aumenta o preço das letras do Tesouro americano. Então, a curto prazo, haverá um efeito. Também haverá efeitos em alguns mercados emergentes, porque alguns países fizeram enormes desvalorizações de suas moedas. Essas desvalorizações estão tornando as exportações desses países muito competitivas. Portanto, vamos testemunhar mu-

"Os controles de capital seriam um enorme recuo para os países emergentes"

danças na competição dentro do mercado de bens exportados, inclusive mudanças duradouras.

GZM – Então, trata-se de uma crise de grandes proporções.

Cabiallavetta – Bem, eu não penso que a economia mundial está se acabando. Estamos vendo um recuo, mas é um que, visto de uma perspectiva de longo prazo, talvez não seja tão ruim, embora esteja produzindo efeitos dolorosos.

GZM – Existem governos temerosos de que o rápido movimento de capitais pode destruir a economia de seus países; alguns começam a falar em mecanismos para controlar o fluxo de capitais. A seu ver, é uma reação normal?

Cabiallavetta – Isto seria um desastre.

GZM – A tentativa de controlar os fluxos de capitais colocaria uma ameaça para a globalização da economia?

Cabiallavetta – Os controles seriam um enorme recuo, porque depois deles ficaria muito difícil atrair novamente os capitais necessários para construir a economia dos mercados emergentes. Ficaria abalada a confiança desses investidores, responsáveis pela administração de enormes somas em fundos de investimento. Será inteiramente contraproduzitivo para qualquer país não deixar o mercado funcionar normalmente. Contudo, o que os países precisam fazer é aplicar políticas monetárias e fiscais saudáveis, e então, com a ajuda de alguma instituição supranacional como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial ou alguma outra, convencer o resto do mundo de que o futuro é positivo. Se isso puder ser feito, ajudaria muito mais que o pensamento imediato de restringir de novo os movimentos do capital.

GZM – O senhor pode contar seus planos para a América Latina, em geral, e para o Brasil, em particular?

Cabiallavetta – O que posso dizer é que colocamos muitos recursos, na Suíça e nos Estados Unidos, nos segmentos de bancos de investimento, finanças estruturadas e no negócio financeiro global. Na América Lati-

na, fizemos grandes empréstimos e financiamentos de projetos para companhias latinas, e também subscrevemos bônus e outros títulos. Você nos verá cada vez mais ativos na região.

GZM – Neste momento, não há nenhuma nova emissão da América Latina à vista. O senhor entende que esta restrição é apenas um fenômeno temporário?

Cabiallavetta – Tenho certeza que sim, porque as políticas econômicas dos países da região são as mesmas que estavam em vigor, digamos, na semana passada. E são, na sua esmagadora maioria, políticas saudáveis. Portanto, assim que a atual crise se estabilizar um pouco e a confiança se restabelecer, o capital vai voltar à região. Tem razão o país que acredita que vai atrair capitais internacionais em função de sua política econômica saudável.

GZM – Quando o senhor contrata ou promove executivos, quais são as qualidades que procura neles?

Cabiallavetta – Eu procuro, naturalmente, formação profissional profunda em boas escolas. Pessoas que sejam muito dedicadas, capazes de trabalhar muito e ser muito efetivas. Procuro pessoas que tenham uma cabeça internacional, que não façam distinção de cultura, de raça ou de sexo. Meu próprio chefe de gabinete é um colega de nacionalidade chinesa. Não tenho idéias pré-concebidas. Gosto do esforço de equipe, do talento, mas que sejam bons no trabalho de equipe. E se forem esportivos, melhor, porque ficarão mais duros.

GZM – Gostaria de lhe perguntar algo sobre o dinheiro depositado em bancos suíços pelos judeus que morreram na II Guerra Mundial: a imagem dos bancos suíços ficou um pouco prejudicada no exterior, porque setores da comunidade judia alegam que existem depósitos feitos por judeus mortos; os bancos suíços então fizeram uma oferta em dinheiro para resolver o problema, e a comunidade judia parece querer mais. Como está essa situação?

Cabiallavetta – Para ser franco, não sei exatamente qual é a situação em termos monetários. O que existe é que encontramos cerca de 80 milhões de francos suíços em contas dormentes. Mas isso não significa que são todas contas de pessoas do povo judeu; são apenas contas que ninguém reclama mais, e continuam aqui. Esses 80 milhões de francos suíços devem ser distribuídos, se alguém puder reclamá-los legalmente. De novo, porém, apenas uma fração desse total pertence a pessoas do povo judeu. Agora, nós criamos um fundo do holocausto, em que os bancos suíços colocaram 100 milhões de francos suíços; o banco nacional da Suíça, outro tanto; e 70 milhões de francos suíços foram acrescentados por outros bancos e empresas do nosso país. Temos portanto um fundo com 270 milhões de francos suíços para serem distribuídos neste momento. Agora cabe aos administradores do fundo, que são na maioria judeus, distribuir rapidamente esse dinheiro entre as vítimas do holocausto. Isso precisa ser feito depressa, porque as vítimas que sobreviveram ao holocausto são muito idosas. Nós gostaríamos que a distribuição fosse rápida, mas a própria comunidade judaica está encontrando problemas para fazê-lo no ritmo apropriado. Sei que existem esses 270 milhões para distribuição, mas esse é um dinheiro que está fora do controle dos bancos; está nas mãos da comunidade judia.

GZM – Qual é a sua percepção sobre os aspectos positivos e riscos do Brasil atualmente?

Cabiallavetta – Sou muito positivo em relação à situação política, estou muito feliz com a administração do presidente Fernando Henrique Cardoso. Gosto do aumento da transparência no processo, e estou satisfeito com a política econômica. Tenho esperança de que a situação fiscal possa ser melhorada ainda mais. Portanto, estou bastante confortável. Acho que o Brasil tem grande potencial, é um país maravilhoso, e tem muitas oportunidades de negócios para nós. ■

